

**ARQUEOLOGIA DE UMA PROCISSÃO ANTIGA:  
PRÁTICA DA *ΠΟΜΠΗ* ENTRE ATENAS E ELÊUSIS  
NO PERÍODO ROMANO (II - III D.C.)**

*Felipe Perissato*<sup>1</sup>

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo identificar as particularidades da procissão celebrada entre Atenas e Elêusis durante os Mistérios Eleusinos no Período Romano (Séc. II - III d.C.) a partir de evidências constatadas em fontes de diferentes naturezas (textual, topográfica/arquitetônica e epigráfica). Procura-se compreender os aspectos relativos à permanência da tradição ancestral eleusina e identificar inovações próprias dos estratos históricos romanos, cujas evidências podem ser observadas tanto na organização da procissão quanto nas intervenções construtivas dos santuários (Elêusis e o *Eleusinion* de Atenas) e da via sacra (*hierá hodós*).

PALAVRAS-CHAVE

Mistérios de Elêusis; Procissão antiga; Grécia Romana; Elêusis; *Eleusinion* de Atenas; Religião grega antiga.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (São Paulo, Brasil) e pelo *Max-Weber-Kolleg für Kultur- und Sozialwissenschaftliche Studien der Universität Erfurt* (Erfurt, Alemanha). Participa do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (LABECA) do MAE-USP e do programa internacional de pesquisa IGS *Resonant Self-World Relations in Ancient and Modern socio-religious practices* do MWK/Uni-Erfurt. É bolsista de doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Contato: felipe.perissato@usp.br / felipe.perissato@uni-erfurt.de

## 1. Introdução<sup>2</sup>

Em Elêusis, o culto de Deméter e Core foi celebrado sob a forma de Mistérios e atraiu para seu santuário um número crescente de iniciados no período de seu funcionamento (VI a.C. e IV d.C.). Com a influência direta de Atenas desde o século VI a.C., o aumento na popularidade dos Mistérios acompanhou as sucessivas transformações construtivas de seus espaços sagrados, tanto no pequeno *Eleusinion* de Atenas quanto em Elêusis. O auge da popularidade levou a uma quantidade cada vez maior de iniciados no Período Romano, incluindo até mesmo imperadores romanos, como Adriano e Marco Aurélio, como iniciados ilustres durante o século II d.C. (Mylonas, 2009, p. 155). Com essa demanda, o santuário sofreu intervenções construtivas tanto com o intuito de ampliar a área do *Telesterion* e do *Eleusinion* de Atenas quanto de aprimorar seu abastecimento com uma série de edifícios adjacentes (Mylonas, 2009, p. 155-156). No mesmo sentido, uma série de benfeitorias foram realizadas para facilitar a jornada dos iniciados ao longo da via sacra durante a procissão que antecede as etapas secretas do festival (Papangeli & Chlepa, 2011, p. 34-43).

Dentre os rituais praticados durante a celebração dos Mistérios, a procissão é a que tem despertado o mais recente interesse dos pesquisadores.<sup>3</sup> Partindo do *Eleusinion* de Atenas, a procissão seguia a estrada processional (a *hierá hodós*) por cerca de 21 quilômetros através dos bosques atenienses em direção a Elêusis. Circundava o Monte Poikilo com paradas obrigatórias no santuário de Afrodite e seguia pela planície do *Thriassion* em direção ao santuário das duas deusas, onde pausas eram feitas para a travessia do riacho *Rheitoi* e do Rio *Kephissos* logo adiante (Papangeli & Chlepa, 2011, p. 34). A procissão dos objetos sagrados (*hierá*) e da representação de Iaco seguia com o ordenamento tradicionalmente estabelecido pelas normas ancestrais ao mesmo tempo que

---

<sup>2</sup> Este artigo é uma versão expandida, revisada e atualizada dos itens 3.1, 3.2, 3.3.4 e 3.4.1 pertencentes ao Capítulo 3 da dissertação de mestrado do autor intitulada *Elêusis no Império Romano: Monumentalização do santuário e o culto dos Mistérios Eleusinos no Período Antonino* (Perissato, 2018), resultado de pesquisa financiada pela FAPESP (Processos 2015/16650-0 e 2016-17061-0). O autor agradece especialmente aos organizadores do dossiê pelo convite: Ana Paula Scarpa Pinto de Carvalho e Pedro Luís de Toledo Piza. Agradecimentos também aos dois pareceristas anônimos pelos comentários críticos e sugestões ao texto final. Por fim, um agradecimento especial à Mayara Ferreira Aranha pela normalização e revisão deste texto. Os erros remanescentes permanecem do autor.

<sup>3</sup> O tema tem sido revitalizado com a incorporação dos mais recentes dados arqueológicos e do desenvolvimento teórico-metodológico a partir das viradas dos paradigmas teóricos experienciados pelas Ciências Humanas. Ver Hazard (2013, p. 58-78), Agelidis (2017) e Raja e Rüpke (2015).

se adaptava às demandas históricas por meio de inovações nos ritos. De acordo com Graf (1996, p. 64) e Stavrianopoulou (2015, p. 349), o estudo das procissões na Antiguidade deve considerar não só os pontos de chegada e partida do movimento processional, mas também a localização (espaço), os participantes (praticantes e espectadores), a forma (ordem e estética), o contexto (festival ou culto eletivo) e as temporalidades detectáveis nas fontes.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo descrever a procissão (*pompē*) entre Atenas e Elêusis a partir de sua prática no Período Romano (séculos II - III d.C.), indicando tanto os aspectos tradicionais quanto inovações surgidas na época. Para isso, serão analisados três tipos de fontes: a textual, a topográfica/arquitetônica e a epigráfica. Primeiramente, a via sacra (ou caminho sagrado) será descrita a partir da narrativa de Pausânias e dos estudos arqueológicos posteriores, tendo como objetivo indicar as estruturas físicas e naturais ao longo do caminho. Em seguida, a análise se voltará para a topografia e detalhes arquitetônicos das estruturas de entrada do *Eleusinion* de Atenas e de Elêusis, indicando como as intervenções da época romana proporcionam uma experiência visual diferencial para os iniciados. Finalmente, a inscrição de um decreto regulatório será analisada com o intuito de identificar as especificidades da prática processional durante a época romana tardia (III d.C.). Assim, as informações do conjunto de fontes aqui proposto permitirão a descrição de alguns aspectos da procissão eleusina praticada durante a época romana.

## 2. *TA IEPA OΔΟΣ: a Via Sacra dos Mistérios Eleusinos na Narrativa de Pausânias e nas Descrições Arqueológicas*

A *hierá hodós* (sem transliteração: ιερά οδός), literalmente “via sacra” ou “caminho sagrado” no grego ático, foi a estrada-palco do movimento narrativo dos Mistérios de Elêusis, onde uma procissão conectava Atenas e Elêusis. Durante a Antiguidade, o caminho tinha cerca de 21 quilômetros de extensão entre o *Eleusinion* (nas proximidades da ágora de Atenas) e o santuário em Elêusis na área costeira da Ática (Papangeli & Chlepa, 2011, p. 34). A paisagem em torno da via sacra foi também um dos agentes para as performances e ritos que, em conjunto com seus participantes e espectadores, determinavam a cadência e ritmo da procissão dos Mistérios. Desse modo, a narrativa do mito eleusino (a andança de Deméter em busca da filha raptada) era refeita anualmente pelos peregrinos que vinham de toda Ática e outras *póleis* gregas para

agradecer às deusas pelas colheitas e pela prosperidade individual (Stavrianopoulou, 2015, p. 354). Graças ao texto de Pausânias (*Hellados Periegesis*, 1.34-38), sabemos que a procissão eleusina avançava sobre a via sacra com paradas ao longo do percurso, “tais como o riacho *Rheitoi*, cujas águas eram sagradas às deusas; o palácio de Triptólemo, ancestral de *Krokonidai*; o túmulo de Eumolpo, ancestral de uma das famílias de hierofantes”; e adentrava o santuário das duas deusas em Elêusis, onde Deméter errante recebera o emissário ateniense Phytalios (Stavrianopoulou, 2015, p. 354).

Pausânias foi um viajante grego do século II d.C. que escreveu uma obra muito importante para os estudos modernos sobre a topografia antiga: a *Descrição da Grécia* (*Hellados Periegesis*). Publicada em cerca de 150 d.C., a obra se insere no contexto da literatura de viagem e tinha como alvos de leitura as elites intelectuais helenizadas (Pretzler, 2007, p. 2-3). Seu texto combina a descrição minuciosa de estruturas, artefatos e paisagens dignas de conhecimento com digressões sobre episódios míticos e históricos. Pode-se dizer que a obra de Pausânias carrega um argumento capaz de influenciar seus leitores tanto factualmente quanto ideologicamente (Elsner, 2001, p. 3). Afinal, o viajante foi um contemporâneo que não somente registrou os espaços construídos tais como estavam dispostos na Grécia durante o século II d.C. como reproduziu a identidade helênica e a memória seletiva do período. Levando em consideração essas especificidades, Pausânias destaca, sobretudo, os altares, epígrafes, monumentos, santuários e elementos naturais que merecem ser vistos de acordo com o contexto de sua obra (Pausanias, 1.36-38)<sup>4</sup>:



Figura 1. Monumentos do Caminho Sagrado de acordo com Pausânias (I, 36-38).

Fonte: Elaborado pelo autor.<sup>5</sup>

<sup>4</sup> A descrição de Pausânias sobre o Caminho Sagrado encontra-se no Livro 1, Ática, 26-28.

<sup>5</sup> Trata-se de um esquema gráfico sem escalas.

A arte gráfica acima, elaborada a partir da sequência narrativa de Pausânias (1.36-38), apresenta estruturas que remetem de alguma forma à proeminência ateniense, como referências a heróis e militares tais quais a Tumba de *Anthemocritus* (1.36-3), Tumba de *Molottus* (1.36.4), Tumba de *Cephisodorus* (1.36.5-6) e Túmulo de Temístocles<sup>6</sup> (1.37.1-2). Também há referências a heróis eleusinos, como a Tumba de Eumolpo (1.38.2-3), e até a artistas e intelectuais, como o Túmulo de Nicocles de Tarentum (1.37.2-3) e Túmulo de *Theodorus* (1.37.3). Além disso, Pausânias destaca uma série de estruturas fundamentais do ciclo de Elêusis, possivelmente, importantes paradas durante as procissões. São os casos dos Templos de Afrodite (1.37.7), do *Scirum*<sup>7</sup> (1.36.4-5), o Templo de *Ciamites*<sup>8</sup> (1.37.4), o riacho ou córrego *Rheitoi* de águas marinhas (1.38.1), e o Erineus<sup>9</sup> (1.37.5-6).

O testemunho de Pausânias foi uma fonte de inestimável valor à pesquisa da topografia antiga desde os primórdios, com os antiquários entre os séculos XVI e XIX. A via sacra dos Mistérios de Elêusis é mencionada em uma série de relatos de viagem feitos no período. George Wheler, clérigo inglês, relatou em sua publicação (1682) a longa viagem de Veneza a Istambul que fez na companhia de Jacob Spon (1678) nos anos de 1675 e 1676. Com base na leitura de Pausânias, Wheler descreve a via sacra e sua paisagem:

[...] Nesse lado do *Kephisos* eleusino, como Pausânias bem distinguiu do outro [o *Kephisos* do lado ateniense], foi o sepulcro de Theodorus, um famoso ator de tragédias, e nas margens dele estavam as estátuas de *Mnesitheus* e seu Filho, que ofertou cabelo de sua cabeça ao Rio *Khefissos*; sendo o costume dos gregos daqueles dias fazer aquelas ofertas aos rios, eles estimavam seus deuses. [...] Antigamente, esta era chamada de Via Sacra, sobre a qual as grandes procissões eram feitas pelos atenienses até os sagrados mistérios de Ceres em Elêusis. Observamos muitas ruínas, à medida que avançávamos, de igrejas ou templos; especificamente um, cerca de duas milhas para além do rio; que julgamos ser o dos Ciamitas, assim chamados, como pensa Pausânias, de algum Herói com aquele nome, que primeiro os ensinou a semear feijão ali [...] Cerca de uma milha

---

<sup>6</sup> Neto do Temístocles das Guerras Pérsicas (Pausanias, 1.37.1-2).

<sup>7</sup> Heroon de Scirus, vidente de Dodona que caiu na luta dos eleusinos contra Erecteu (Pausanias, 1.36.4-5).

<sup>8</sup>Relacionado aos grãos e à religião órfica (Pausanias, 1.37.4).

<sup>9</sup> Segundo Pausânias (1.37.5-6), trata-se do local onde Hades desceu ao submundo com Core.

adiante, vimos as ruínas de outro templo, do qual apenas um painel de parede estava de pé, de uma pedra verde acinzentada; que, portanto, julgamos que poderia ser algum Templo de Vênus, que Pausânias disse, era de Pedra comum. (Wheler, 1682, p. 426-427, *tradução nossa*)<sup>10</sup>

Outro importante viajante a mencionar a estrada da procissão eleusina é Julien-David Le Roy. Em 1755 o arquiteto francês publicou a obra *Les Ruines des Plus Beaux Monuments de la Grèce* a partir da pesquisa *in situ* munindo-se dos clássicos. Sua referência à topografia grega, sobretudo a respeito da via sacra dos Mistérios, é a descrição de Pausânias:

Ao entrar na planície de Elêusis, descobrimos dois cursos de água correndo até o mar. Eles seriam confundidos com dois rios, diz Pausânias (Descrição da Grécia 1.38.1), se a água não fosse salgada. [...] Em suas margens (do *Kephissos* da planície eleusina), diz Pausânias (Descrição da Grécia 1.37.3), foi a estátua de *Mnesimache* e aquela de seu filho que fizeram uma oferta de seu cabelo ao rio. Entre esta travessia e Lefsina estão as ruínas de muitos templos e a extensão de uma rua da antiguidade; esta formou parte do Caminho Sagrado para Elêusis. Como é bem conhecida, a cidade de Elêusis, hoje Lefsina, já foi uma das mais famosas da Grécia, como suas ruínas mostram até hoje. (Le Roy, 2004, p. 428, *tradução nossa*)

No século XIX, François Lenormant foi um dos primeiros arqueólogos da Grécia Pós-Independência a dedicar uma monografia à via sacra dos Mistérios de Elêusis (1860). Recolhendo evidências materiais dos monumentos e epígrafes mencionadas por Pausânias ao longo da estrada processional, assim como menções de outros textos clássicos, Lenormant (1860, *plate f*) elabora um mapa com a possível localização das estruturas.<sup>11</sup>

No entanto, o crescimento urbano vertiginoso de Atenas a partir do século XX restringiu os estudos sobre a estrada dos Mistérios a poucos sítios arqueológicos. Assim, uma grande parte da via está, hoje, sob a cidade moderna, sendo que sua localização permanece resguardada por uma avenida homônima. Contudo, a *hierá hodós* é

---

<sup>10</sup> Recuperado de <https://quod.lib.umich.edu/e/eebo2/A65620.0001.001/1:11?rgn=div1;view=fulltext>

<sup>11</sup> O documento foi digitalizado pela Universidade de Heidelberg: <https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/lenormant1864bd1/0570/image>

perfeitamente identificável no espaço por meio dos marcadores de fronteira (IG I<sup>3</sup> 1095, do século V a.C.; IG I<sup>3</sup> 1096 de 420 a.C.; IG II<sup>2</sup> 2624 do século IV a.C.) (Miles, 2012, p. 118-119).<sup>12</sup> Margaret M. Miles afirma que há duas inscrições que deixam claras as intenções de preservar a rota processional para Elêusis na Antiguidade: um decreto para a ponte sobre o Rheitoi (IG I<sup>3</sup> 79 de 422/1 a.C.) e um decreto honorário para a construção de ponte sobre o *Khefissos* (IG II<sup>2</sup> 1191) (Miles, 2012, p. 119).

Escavações têm sido realizadas no quarteirão do Cerâmico (*Kerameikos*), próximo à ágora de Atenas, desde meados do século XIX pela Sociedade Arqueológica de Atenas (Η Εν Αθήναις Αρχαιολογική Εταιρεία) e pelo Instituto Arqueológico Alemão (*Deutsches Archäologisches Institut*). Elas têm revelado uma das mais importantes necrópoles de Atenas, além do portão de entrada à cidade (*asty*), o *Dipylon*, que também é o início da *hierá hodós* (Ficuciello, 2008, p. 129-132). A partir das escavações de salvamento realizadas no fim dos anos 1990 e decorrer dos anos 2000, obrigatórias para o prosseguimento da construção da linha do metrô de Atenas, uma série de objetos e estruturas foram encontrados ao longo do caminho onde ocorria a procissão eleusina, desde pontes, tumbas e inúmeros achados cerâmicos (Drakotou, 2009, p. 112-123).<sup>13</sup>

Além disso, é possível identificar as estruturas dos santuários que se encontram ao longo do caminho sagrado, tais como o Templo de Afrodite e Eros, localizado na encosta do Monte *Poikilo*, e o Templo de Apolo, localizado no atual bairro *Haidari*, onde se situa atualmente o bizantino Mosteiro de Dafne (Best, 2015, p. 199-247). Na moderna Elefsina, a via sacra segue a uma curta distância da avenida moderna homônima que recorta a pequena cidade industrial, chegando ao seu ponto final, o sítio arqueológico de Elêusis. Antes, porém, há uma ponte sobre o Rio *Khefissos* no caminho da rota processional, identificada inicialmente por John Travlos nos anos 1950. A existência desta ponte é notada desde os viajantes do século XIX, tais como a Sociedade dos *Dilettanti*, entre outros. Porém, a estrutura em sua totalidade somente foi revelada após as escavações realizadas pela Sociedade Arqueológica de Atenas, primeiramente com Kourouniotes nos anos 1920, e nos anos 1950, sob a liderança de John Travlos (Papangeli & Chlepa, 2011, p. 40).

A pesquisa sobre a estrada de procissão dos Mistérios tem revelado importantes aspectos a serem considerados acerca dos rituais que compõem o culto dos Mistérios de

---

<sup>12</sup> Na inscrição é explícito que sua função é demarcar a rota sagrada para Elêusis (Miles, 2012, p. 119).

<sup>13</sup> Atualmente é possível apreciar os sítios arqueológicos de partes do Via Sacra nas estações de metrô *Egaleo* (Σταθμός Αιγάλεω) e *Eleonas* (Σταθμός Ελαιώνας).

Elêusis. A via sacra, suas paradas, a paisagem no entorno, os participantes e espectadores são componentes fundamentais para o sucesso da procissão em termos de comunicação religiosa e política (Graf, 1996, p. 64; Stavrianopoulou, 2015, p. 349). De acordo com Stavrianopoulou (2015), o percurso ao longo da via sacra unificava tanto mensagens do mito eleusino quanto da relação política e religiosa entre Atenas e Elêusis, pois “seus participantes reconstruíram as reivindicações territoriais de Atenas sobre Elêusis ao mover sobre os passos da deidade errante. Marcada e interpretada pela ação ritual, uma paisagem específica para além de qualquer arranjo arquitetônico emergia.” (p. 354, *tradução nossa*)

Nesse sentido, o estudo sobre a rota processional, bem como sua estrada e as estruturas adjacentes, requer uma abordagem interdisciplinar para processar fontes de diversas naturezas. O estudo apurado da materialidade das estruturas físicas permite estabelecer cronologias precisas, o que, em conjunto com o aporte de informações advindas das fontes escritas, torna possível identificar temporalidades de eventos rituais tais como as procissões.

### *3. Evidências Topográficas e a Influência da Arquitetura dos Propileus de Elêusis e do Eleusinion de Atenas para a Prática da Procissão no Período Romano*

O santuário de Deméter e Core em Elêusis se tornou cada vez mais popular com a expansão dos Mistérios ao longo dos séculos VI a.C. - III d.C., o que atraiu proporcionalmente um número cada vez maior de peregrinos vindos da Ática e até de outras partes mediterrânicas. Podemos seguramente afirmar que, seguindo a tendência da crescente circulação de pessoas em Elêusis, o santuário passou por um processo de expansão de sua área construída que visava, por um lado, aumentar a capacidade de abastecimento e de suporte da comunidade e, por outro, embelezá-lo e torná-lo um espaço para a interação social e manifestação do poder (Mylonas, 2009, p. 155). Assim, uma série de construções e intervenções construtivas foram feitas tanto em Elêusis quanto no *Eleusinion* de Atenas durante o Período Romano, sendo oferecidas como benfeitorias e doações às deusas eleusinas. Desse modo, templos, altares, monumentos ornamentais, pontes e até mesmo uma ampla reforma hidráulica foram realizados por meio da ação de grandes benfeitores gregos e romanos, incluindo imperadores como Adriano e Marco Aurélio (Mylonas, 2009, p.155-186; Perissato, 2018, p. 114-115). A expansão de edifícios como o *Telesterion* de Elêusis e a construção de edifícios adjacentes em torno dos templos

eleusinos evidenciam que o aumento no número de iniciados e participantes dos Mistérios durante o Período Romano também teve um impacto na realização dos próprios ritos da celebração eleusina (Lippolis, 2006, p. 239-324). Nesse sentido, o caminho feito pela procissão, cuja partida e chegada eram definidas por dois santuários administrados como um só complexo, possuía uma série de elementos que dialogavam com o tema dos Mistérios e, portanto, desempenhava um papel dentro do contexto do cortejo. Este item versará sobre as intervenções construtivas identificadas nas entradas dos santuários de Elêusis e do *Eleusinion* de Atenas durante a época romana, argumentando como aspectos arquitetônicos e topográficos podem indicar elementos particulares dos estratos tardios do movimento processional dos Mistérios de Elêusis.

Em Atenas, o denominado *Eleusinion*, pequeno complexo sagrado localizado nas margens da Via Panatenaica e próximo à ágora ateniense, foi um dos santuários eleusinos administrados conjuntamente com o santuário principal em Elêusis.<sup>14</sup> O conjunto de estruturas foi identificado a partir das escavações sistemáticas realizadas pela Escola Americana (*The American School of Classical Studies at Athens*) a partir de 1933, revelando um templo tetrastilo anfigostilo (o então chamado Templo de Triptólemo) e um propileu cercados por um muro de peribolo, ambos com diversas fases construtivas cujas primeiras são datadas do século V a.C. A fase romana do *Eleusinion* apresenta alguns dados muito interessantes para considerarmos. Primeiramente, um edifício circular, as reformas no propileu interno e a pavimentação da via Panatenaica nas áreas limítrofes são datados de meados do século II d.C. (Miles, 1998, p. 88-89).<sup>15</sup> Como muitos dos blocos de mármore do *Eleusinion* se encontram fora de seu contexto original, sendo que alguns foram até incorporados a estruturas tardias<sup>16</sup>, os especialistas utilizam o método comparativo dos estilos arquitetônicos e das técnicas construtivas para estabelecer cronologias para suas paredes e fundações (Miles, 1998, p. 87-94; Palinkas, 2008, p. 215-274).

A pavimentação da Via Panatenaica dá entrada aos peregrinos a oeste e conecta a rua com a ágora e a subida para a Acrópole de Atenas. Segundo Miles (1998), a

---

<sup>14</sup> Além do *Eleusinion* de Atenas, os textos antigos mencionam a existência de um *Eleusinion* no Falero, que recebia os iniciados para a etapa de purificação dos animais sacrificiais. No entanto, sua localização ainda não foi identificada pelos arqueólogos. Ver Shear (2016, p. 161-195).

<sup>15</sup> Segundo Palinkas (2008, p. 213), não há atividade arquitetônica datada do período correspondente ao Período Republicano da história romana. No santuário de Elêusis, contudo, há a construção de um Propileu sobre o portão de entrada sul, resultado de uma benfeitoria do magistrado romano Ápio Claudio Pulcro às deusas agrícolas eleusinas.

<sup>16</sup> É o caso dos blocos marmóreos incorporados no Muro Pós-Heruliano e na pequena igreja bizantina do século XIII de *Theotokos Gorgoepikoos* localizada no centro da moderna Atenas (Figura 2).

pavimentação foi realizada provavelmente em dois estágios, com uma primeira etapa realizada no século I d.C., possivelmente na época de Augusto, e outra no século II d.C. durante o principado de Adriano. A obra ocorreu para aprimorar os eventos equestres nesta tradicional estrada, sobretudo com relação aos festivais que foram reformulados durante o Período Romano (Miles, 1998, p. 88-89). Outra importante intervenção ocorreu no aqueduto da ágora de Atenas atribuído ao imperador Adriano, cuja finalização seria concluída somente durante os Principados Antoninos. Essa importante intervenção teve a função de distribuir água potável para as edificações da ágora e outras estruturas adjacentes, como o caso do *Eleusinion*. Identificou-se que as fundações do aqueduto se ramificavam na subida da Via Panatenaica em direção à Acrópole e chegavam ao complexo do *Eleusinion* por meio de um acesso pela *stoá* interna (Miles, 1998, p. 88-89). A edificação do monumento circular, construído no período entre o fim do século I e começo do século II d.C., traz harmonia a uma série de altares e bases de estátuas contemporâneas confeccionados a partir de diversos materiais, desde pedras provenientes da ilha de Poros a escombros de concreto (Miles, 1998, p. 89).

No entanto, as obras de maior importância arquitetônica foram as reformas no propileu interno, o principal marcador do têmeno do pequeno santuário. Como benfeitoria atribuída à Adriano ou ao *Panhellenion*<sup>17</sup>, a existência desse propileu foi sugerida por meio de fragmentos escultóricos e por blocos arquitetônicos. Segundo Miles (2012, p. 133-137), uma série de fragmentos de duas *korai* que sustentavam a fachada posterior do propileu e um friso dórico, cuja decoração remete aos motivos eleusinos, sugerem a datação do século II d.C.<sup>18</sup> Segundo Jennifer Palinkas (2008, p. 213), o propileu interno do *Eleusinion* foi provavelmente inspirado no Propileu Menor de Elêusis, doado por Ápio Claudio Pulcro no Período Republicano, em razão das semelhanças morfológicas e na escolha por um estilo arquitetônico semelhante. Se a reconstituição até então estabelecida de ambas as estruturas estiver correta, Palinkas defende a interpretação de que as similaridades morfológicas e arquitetônicas desempenham uma função de comunicação visual dentro do contexto dos Mistérios, pois carregam cariátides na fachada interna e sugerem um ecletismo no uso das ordens arquitetônicas gregas, misturando características

---

<sup>17</sup> Liga pan-helênica criada tanto pela iniciativa imperial de Adriano quanto pelas elites provinciais alinhadas à Roma para administração de cultos e festivais. Ver Romeo (2002), Spawforth & Walker (1985, p. 78-104) e Perissato & Kormikiari (2017).

<sup>18</sup> Segundo Palinkas, o restauro das cariátides foi feito com base em duas cabeças das estátuas encontradas na área do *Eleusinion*, fragmentos do corpo identificados em escavações anteriores que se encontram sob tutela do Museu Nacional de Atenas e de um fragmento adicional identificado por Kevin Glowacki na *Stoá* de Átalo (Palinkas, 2008, p. 218).

dóricas, jônicas e coríntias. Além disso, ambos os propileus carregam motivos decorativos florais que remetem ao mito eleusino, tais como a presença de ramos de trigo e das *plemócoas* (vaso eleusino de uso processional). É possível constatar um exemplo da decoração nos fragmentos deste friso que se encontra reincorporado (*spolia*) na estrutura da pequena igreja de *Panaghia Gorgoepikoos* no centro de Atenas, também conhecida como *Pequena Metrópole* (Figura 2)<sup>19</sup>:



*Figura 2.* Fachada leste da igreja de Panaghia Gorgoepikoos (Atenas), detalhe do friso de época imperial pertencente ao Eleusinion como *spolia* na estrutura.

Fonte: Acervo pessoal (2016).

No entanto, a atribuição do patrono do propileu interno é ainda uma questão aberta para os especialistas. Margaret M. Miles sugere que tenha sido uma benfeitoria de Adriano, cuja atribuição é feita com base na série de construções realizadas em Elêusis pelo imperador. Segundo a autora, há uma correlação entre os dois santuários e, pode-se dizer em poucas palavras, que tais benfeitorias podem ser interpretadas dentro do mesmo programa construtivo (Miles, 1998, p. 91). Por outro lado, Palinkas (2008, p. 221) lembra que Adriano não é o único patrono das construções erguidas em Elêusis durante o século

---

<sup>19</sup> Para uma discussão geral do edifício ver Palagia (2007).

II d.C. Além dele, há importantes construções realizadas pelo *Panhellenion*<sup>20</sup> e também pelos imperadores sucessores, como Antonino Pio e Marco Aurélio. Palinkas (2008) lembra que “o *Panhellenion*, fundado por Adriano, foi um grupo das elites que se dedicava a aspectos relacionados com a administração do culto.” (p. 221) A autora, então, defende a estrutura de entrada como uma doação do *Panhellenion*, afirmando que evidências comprovam as relações entre os santuários envolvendo o culto eleusino e a liga pan-helênica (Palinkas, 2008, p. 221).<sup>21</sup> Além disso, outras evidências levam em consideração que o *Eleusinion* foi escolhido como local para as assembleias da liga pan-helênica do século II d.C. (Riccardi, 2007, p. 338).

A mais recente interpretação sobre o *Eleusinion* é decorrente do acúmulo de informações advindas das escavações. Trata-se de pensá-lo em conjunto com o santuário principal em Elêusis. Nesse sentido, Palinkas (2008) e Miles (2012) defendem que há uma ligação estilística entre a arquitetura de Elêusis e a do *Eleusinion* de Atenas. Assim, é possível constatar que a

história da construção arquitetônica em um dos santuários é muitas vezes espelhada no outro, uma vez que a prosperidade ou doação que permitia o embelezamento de um naturalmente se estendia ao outro. Após o século V a.C., é apenas no período de dominação romana da Grécia que os santuários de Elêusis e de Atenas tornaram a receber tais ornamentos tão concentrados e novos recursos arquitetônicos. Tal apreciação pelos então antigos e veneráveis templos e cerimônias tradicionais demonstra um senso aumentado de respeito e conexão desejada com um passado clássico distante em um período marcado pela nostalgia cultural pelo século V a.C. (Miles, 2012, p. 122, *tradução nossa*)

Nas proximidades do santuário de Elêusis, a procissão se encerra na entrada pavimentada construída para recepcionar os iniciados e praticantes dos Mistérios (Figura 3). Esse espaço foi especialmente trabalhado durante o Período Romano, sobretudo na época de Adriano e dos imperadores Antoninos (Mylonas, 2009, p. 155). Uma série de

---

<sup>20</sup> Para uma introdução às atividades construtivas do *Panhellenion*, ver Romeo (2002) e Perissato e Kormikiari (2017, p. 8-27).

<sup>21</sup> Dentre elas, há uma carta datada da época à liga em nome de um oficial romano encontrada na área do *Eleusinion*, cujo conteúdo trata de uma investigação de um encarregado a prestar serviços ao sínédrio que, segundo Oliver (1941, p. 78-82), referia-se ao *Panhellenion*. Ver Palinkas (1998, p. 221). Ver também Miles (1998, p. 88) e Oliver (1941, p. 78-82).

grandes obras foi realizada na porção norte das muralhas do santuário, como obras hidráulicas, como uma fonte alimentada por um aqueduto; obras ornamentais, como arcos triunfais e dois propileus; pequenos edifícios para a recepção da procissão e um altar específico (*eschara*) para o sacrifício dos animais durante o ritual, o que marca o início da etapa secreta dos Mistérios (Barnard, 2011, p. 57-58). Além disso, o pátio exterior é pavimentado com blocos de mármore pentélico. Segundo Baldassarri (2007, p. 211-233), a pavimentação segue a orientação dos edifícios dispostos, divididas em dois setores: o setor sul seguia a orientação do Propileu Maior e era composto de blocos quadrangulares; já o setor norte foi composto por blocos de tamanho variável, e sua orientação espacial seguia categoricamente aquela do complexo do Templo de Ártemis e Poseidon, da fonte monumental e do arco romano sudeste.



*Figura 3.* Maquete do santuário de Elêusis no Período Romano. Pátio Exterior (Museu Arqueológico de Elêusis. Elefsina, Grécia).

Fonte: Perissato (2018).

O Propileu Maior foi a entrada do santuário de Elêusis construído no século II d.C. como principal meio de acesso dos participantes dos Mistérios após a procissão. A estrutura se destacava por ser uma imitação do famoso propileu construído por Mnesicles na Acrópole de Atenas em V a.C. (Lippolis, 2006, p. 265-272; Mylonas, 2009, p. 162). Tal característica o torna, portanto, um expoente típico da nostalgia seletiva comum ao ambiente grego provincial do século II d.C. (Miles, 2012, p. 128). Tratava-se de um imponente edifício de mármore exposto sobre um crepidoma que se ergue a uma altura

de cerca de 1,70 m do pátio exterior do santuário. De frente para o pátio, a fachada frontal continha seis colunas dóricas que suportavam uma entablatura onde havia um friso composto por uma alternância entre triglifos e métopas, além de um pedimento triangular (Mylonas, 2009, p. 162-163). No meio do pedimento havia um busto em mármore do imperador vigente (provavelmente Marco Aurélio) na forma de um *imago clipeata*, o que oferece pistas quanto à datação do edifício. De acordo com Ziro (1991, p. 268-272), a construção do Propileu Maior foi iniciada na época de Adriano, tendo sido interrompida após a destruição do santuário pelos Costobócios em 170 d.C. O projeto adriânico para o propileu foi retomado e concluído somente no período de Marco Aurélio (127 - 180 d.C.). De acordo com Miles (2012, p. 128), esse propileu eleusino presta referências visuais diretas à Acrópole de Atenas, sendo um impressionante exemplar do classicismo no século II d.C. influenciado pela Segunda Sofística.

O Propileu Menor foi uma das entradas monumentais do santuário de Elêusis. Foi construído durante o Período Republicano (por volta de I a.C.) por cima do demolido portão norte, erguido na época de Pisístrato (VI a.C.) (Mylonas, 2009, p. 156). Esse propileu é também conhecido pelo nome de seu financiador: o propileu de Ápio Claudio Pulcro (*Appius Claudius Pulcher*). Configura-se, então, como edifício ornamental com uma das mais interessantes composições, apresentando um estilo arquitetônico eclético que mescla características das três ordens arquitetônicas com uma rica decoração escultórica. Construído de mármore pentélico sobre uma fundação feita com o chamado “concreto romano”, o Propileu Menor era constituído de um pátio de entrada pavimentado com blocos grandes (cerca de 9,80 m x 10,35 m), flanqueado por paredes e degraus no lado norte (Mylonas, 2009, p. 157). De acordo com Mylonas (2009, p. 158), o portão, com cerca de 2,95 m de largura, que se situava na área central da estrutura, era sustentado por duas colunas e duas antas na fachada frontal, e por duas cariátides (Fig. 4) e duas antas na fachada posterior.

A entablatura suportada pelas colunas coríntias apresentava detalhes tanto da ordem jônica (arquitrave) quanto da ordem dórica (friso). A arquitrave, por sua vez, era composta de um só bloco de mármore pentélico que continha uma inscrição em latim (Fig. 5), evidenciando o nome do doador do propileu (o cônsul romano Ápio Claudio Pulcro), e a dedicação às deusas “Ceres e Proserpina” (CIL I<sup>2</sup> no. 775).<sup>22</sup> Acima da

---

<sup>22</sup> Além da inscrição dedicatória, Cícero menciona Ápio Claudio Pulcro e a doação do Propileu Menor em suas cartas à Àtico (*Epistulae ad Atticum*, VI, I, 26; VI, 6, 2). Ver Mylonas (2009, p.156-157).

arquitrave, havia o friso composto por tríglifos e métopas típicos da ordem dórica, porém, neles constavam esculpidos em baixo relevo motivos do culto eleusino: cistos e feixes de trigo nos tríglifos; flores estilizadas de papoula e cabeças de touro (bucrânio) nas métopas (Mylonas, 2009, p. 156-158). Como reafirma Mylonas (2009), a “imposição de ornamento esculpido nos tríglifos é estranho à ordem dórica e reflete a norma jônica. Além disso, acima do friso há dentículos de características jônico-coríntias.” (p. 158) E, como observa Margaret M. Miles, o friso com símbolos eleusinos remete consideravelmente aos frisos do propileu decorado de Epidauro e daquele situado na entrada do santuário dos Grandes Deuses na Samotrácia (Miles, 2012, p. 125). Na fachada posterior (lado sul), o pedimento era sustentado por duas cariátides colossais esculpidas em mármore pentélico. Representavam donzelas (*korai*) que carregavam um cesto (*kiste*) com decoração de motivos eleusinos que aludiam aos objetos sagrados (*hierá*) transportados durante a procissão. Segundo Miles (2012, p. 127), as cariátides de Elêusis relembram as famosas cariátides da parte sul do Templo de Atena e Poseidon (o *Erechtheion*) e também podiam representar as sacerdotisas com indumentária usada durante a procissão religiosa.<sup>23</sup>



*Figura 4.* Cariátide do Propileu Menor (Museu Arqueológico de Elêusis. Elefsina, Grécia).

Fonte: Perissato (2018).

---

<sup>23</sup> Ver também Sauron (2001).



*Figura 5.* Vestígios da arquitrave com a dedicação em latim e friso com métopas e tríglifos decorados (Sítio Arqueológico de Elêusis. Elefsina, Grécia).

Fonte: Perissato (2018).

Os santuários eleusinos desempenharam figuração importante no processo ritualístico dos Mistérios, pois funcionavam como marcadores da transição entre espaços de livre acesso a partir de estradas públicas pavimentadas (a via panatenaica na entrada do *Eleusinion* em Atenas; a via sacra na entrada do santuário em Elêusis) com santuários de acesso altamente controlado, como o *Eleusinion* de Atenas e o santuário de Deméter e Core em Elêusis. Há, portanto, um espelhamento de uma estrutura em outra, o que é demonstrado materialmente na arquitetura de seus espaços. Miles (2012) defende que, enquanto os propileus dos santuários gregos tradicionalmente desempenhavam o papel de “restringir o caminho em certo grau, por conta do acesso regulado, secreto e protegido ao redor dos santuários, os propileus do *Eleusinion* e de Elêusis tiveram uma função de extremo controle.” (p. 121-122) Nesse sentido, os propileus tinham, frequentemente, a função de marcar a transição do espaço cívico para o espaço sagrado, o que implicava em comportamentos restritivos, além de barrar a grande multidão, uma vez que somente os iniciados podiam adentrar o têmeno (Miles, 2012, p. 122). Assim, pode-se inferir que a ornamentação realizada nos propileus eleusinos (Elêusis e *Eleusinion* de Atenas) durante o Período Romano correspondia à lógica do programa construtivo de Adriano (Camia,

2017, p. 51-53) e procurava enriquecer o momento processional com diversas mensagens políticas e religiosas, cujas principais evidências constam tanto na decoração escultórica quanto nas próprias formas arquitetônicas. No *Eleusinion* de Atenas, os participantes da procissão podiam ver os motivos eleusinos na decoração do propileu interno, incluindo os vasos processionais que carregavam, além de diversas dedicações no Templo de Triptólemo (Palinkas, 2008, p. 271). A multidão seguia a via panatenaica pavimentada em direção aos portões da cidade, quando viravam à via sacra para seguir para Elêusis. Paradas eram feitas ao longo de toda a estrada, como em *Rheitoi*, no templo de Afrodite, e na ponte sobre o Rio *Khefissos* (benfeitoria do imperador Adriano no século II d.C.) (Palinkas, 2008, p. 271). Aproximando-se do santuário das duas deusas em Elêusis, a procissão encontrava o pátio pavimentado de recepção, similar àquele em frente ao *Eleusinion* de onde o grupo partiu. No pátio exterior, uma série de elementos arquitetônicos e decorativos cumpriam a função de lembrar os praticantes da procissão dos benfeitores romanos do santuário (Palinkas, 2008, p. 272). Segundo Palinkas (2008, p. 272), o Propileu Maior de Atenas, com sua morfologia dórica do século V a.C. emulada em tempos romanos, reforçava a lembrança da Acrópole de Atenas ao mesmo tempo que lembrava o patrono responsável pela construção (o busto de imperador no pedimento). Nesse sentido, a apropriação do “passado clássico” (sécs. V – IV a.C.) em tempos romanos é um elemento importante do contexto das relações sociais entre gregos e seus conquistadores romanos, uma vez que específicas formas de conhecimento e de comportamento resgatados de tempos anteriores “se tornaram marcadores da identidade de grupos e garantias para a aceitação mútua [entre as elites], assim como ‘os clássicos’ desempenhariam um papel semelhante em demarcar as classes dominantes de outras [...]” (Alcock, 2002, p. 41-42). Esse aspecto ajuda a explicar a escolha por colocar o “passado clássico” e seus monumentos em lugar de destaque por parte da elite ateniense. “A exibição da arte e arquitetura dos tempos de Péricles correspondiam muito aos interesses da elite, assegurando a devida admiração e respeito junto com todas as vantagens materiais que elas podiam trazer” (Alcock, 2002, p. 67). Além disso, criou-se um teatro de autorrepresentação por parte da elite provincial romana, uma vez que “os notáveis romanos poderiam ser recebidos, e percebidos, mais como parceiros [e benfeitores] do que conquistadores” (Alcock, 2002, p. 67-68).

Nesse sentido, as mensagens políticas ficavam dispostas na arquitetura e edifícios ao longo do percurso processional. Os iniciados então adentravam o têmeno através do Propileu Menor, cuja morfologia e decoração misturava as insígnias eleusinas, em sua

arquitetura eclética, com a dedicação latina de seu patrono romano da época republicana (I a.C.) (Palinkas, 2008, p. 272). A experiência proporcionada pela arquitetura dos propileus eleusinos aos membros da procissão no século II d.C., bem como as transformações na topografia ao longo de toda via sacra, evidenciam que o culto de Mistérios atingira um alto patamar para a identidade pan-helênica em construção durante o Período Romano, configurando-se como fruto da ação direta da liga pan-helênica criada por Adriano, assim como das elites benfeitoras iniciadas. De acordo com Spawforth (2012), a razão para o aprimoramento construtivo e embelezamento dos edifícios em Atenas (e especialmente em Elêusis) foi um sinal da promoção da “excepcionalidade cultural de Atenas para o ponto de vista do estado imperial.” (p. 248)

#### *4. A Procissão dos Mistérios de Elêusis durante o Período Romano (II - III d.C.): Mudanças e Permanências*

Liderada pelos sacerdotes que carregavam os objetos sagrados em cestos ornamentados com flores e seguidos pela multidão de devotos que carregava ramos de murta, a procissão atravessava os bosques de oliveiras de Atenas, subia morro acima para o vilarejo de Hermus (hoje Haidari) e continuava seu caminho parando nos santuários à beira da estrada, como o santuário de Apolo (no mesmo local que se encontra hoje o atual Mosteiro Dafne) e o santuário de Afrodite em uma saliência rochosa no sopé do Monte Poikilo. Em frente ao santuário de Afrodite a estrada se dividia. O braço principal da Via Sacra continuava em direção ao mar, enquanto o outro seguia a crista do Monte Poikilo e depois descia para Rheitoi (hoje Lago Koumoundourou) onde se juntava ao braço principal.

Tendo passado Rheitoi, a Via Sacra atravessava a planície Thriassion e, ao chegar à região de Elêusis, encontrava-se com o Rio Kephissos. Assim que a procissão chegava à ponte sobre o rio, realizava-se os ritos na ponte (*gephyrismoi*). Reunidos em grupos, os observadores (*gephyristai*) lançavam gracejos e provocações aos iniciados que passavam, os quais respondiam de acordo. (Papangeli & Chlepa, 2011, p. 34, *tradução nossa, itálico nosso*)

A descrição da procissão eleusina usualmente reproduzida na literatura científica é um resultado da pesquisa com fontes de natureza textual, arqueológica e epigráfica compreendidas no contexto espacial no qual a celebração ocorria. No entanto, torna-se

um desafio identificar os estratos temporais de um rito dinâmico como a procissão, pois as evidências disponíveis nem sempre permitem recompor cronologias precisas. Contudo, o numeroso *corpus* epigráfico das instituições áticas, excepcional dentro do mundo grego, tem aquecido as discussões acadêmicas sobre os rituais e festivais praticados na Ática. Desse modo, este item tratará da discussão em torno da inscrição IG II<sup>2</sup> 1078, datada da época romana tardia, versando sobre como identificar inovações inseridas no contexto do período e os aspectos do costume tradicional da procissão eleusina.

Clinton (1993, p. 116) argumenta que havia duas procissões partindo do *Eleusinion* de Atenas para Elêusis durante os Mistérios. Uma primeira procissão (*pompē*) composta por efebos, sacerdotes e magistrados era realizada para a escolta dos objetos sagrados (*hierá*) em 19 de *Boedromion* (calendário ático). No dia seguinte, uma multidão de iniciados escoltava uma estátua de Iaco na segunda marcha pela via sacra em direção ao santuário de Elêusis, aludindo à errância de Deméter em busca por sua filha (Clinton, 1993, p. 116).

A inscrição IG II<sup>2</sup> 1078<sup>24</sup>, datada de 220 d.C., foi proposta por *Flavius Dryantianos*, arconte efébio dos Eumólpidas e membro de uma categoria senatorial adquirida por concessão imperial (Clinton, 2008, p. 406-407). Trata-se de uma estela em mármore branco, cujos fragmentos foram encontrados na igreja de São Demétrio *Katephores*, em Atenas (Lambert, 2020, p. 133). O texto é um decreto regulatório que estabelece normas para a participação dos efebos na procissão eleusina e busca restaurar o costume tradicional de escolta ordenada dos objetos sagrados (*hierá*). É interessante notar que o texto segue a prescrição arcaizante tanto na grafia das letras quanto no estilo paratático dos decretos da Assembleia ateniense usualmente emitidos entre os séculos V e IV a.C. (Lambert, 2020, p. 133).<sup>25</sup> Segundo Patera (2011, p. 124), a inscrição indica que os oficiais responsáveis (*kosmetes*) deveriam conduzir os efebos de acordo com a tradição e os jovens deveriam participar dos sacrifícios, fazendo libações e entoando cânticos durante a marcha (IG II<sup>2</sup> 1078, Trechos 28-29). Além disso, os efebos deveriam marchar em formação militar, portando armadura completa e uma coroa de murta, conforme o trecho abaixo:

---

<sup>24</sup> Além de ter sido publicado nos IG, a inscrição se encontra no catálogo de Clinton (2005, p. 470-472) e na recente publicação de Lambert (2020, p. 129-137). Encontra-se disponível online em Searchable Greek Inscriptions <https://inscriptions.packhum.org/text/3297> e em Attic Inscriptions Online <https://www.atticinscriptions.com/inscription/IEleus/638>.

<sup>25</sup> Outra característica é o uso do termo “pólis” para se referir à Acrópole nos trechos 15-16 (μέγχι Ἐλευσεινίου τοῦ ὑπὸ τῆι πόλει) e 41 (ἐν Ἐλευσινίωι τῶι ὑπὸ τῆι πόλει). Ver Lambert (2020, p. 133).

[..] e todos os efebos devem tomar parte da procissão, em armadura completa, coroa de murta, marchando em formação militar; e como obrigamos os efebos a percorrerem uma grande distância, eles devem tomar parte dos sacrifícios e libações e dos cânticos no caminho, para que os objetos sagrados sejam levados com uma escolta [mais protegida] e uma longa procissão, [...] (IG II<sup>2</sup> 1078<sup>26</sup>, linhas 25-31, *tradução nossa*)<sup>27</sup>

A proposta de Dryantianos parece ter a intenção de retomar as práticas tradicionais (10-11: *κατὰ τὰ ἀρχαῖα νόμιμα*) da escolta dos objetos sagrados (Patera, 2011, p. 125). Decretos honorários do final do Período Helenístico (IG II<sup>2</sup> 1008.7; IG II<sup>2</sup> 1011.7-8) sugerem a existência de um *hypantēsis* (encontro, recepção formal), no qual os efebos encontravam os objetos sagrados e os conduziam para o *Eleusinion* ou recepcionavam a estátua de Iaco no meio do trajeto para concluir sua jornada até Elêusis (Clinton, 2019, p. 165).<sup>28</sup> Por sua vez, a inscrição do século III d.C. (IG II<sup>2</sup> 1078) restabelece que os objetos sagrados (*hierá*) deveriam ser escoltados pelos efebos em procissão de Elêusis para Atenas entre 13 e 14 de *Boedromion* para guardá-los no *Eleusinion* até serem retornados na grande procissão de 19 *Boedromion* (Lambert, 2020, p. 129-137). Assim, Clinton (2019, p. 166) defende a hipótese de que o encontro formal (*hypantēsis*) dos objetos sagrados ou de Iaco foram inovações helenísticas e que não representavam a tradição ancestral da organização do cortejo tal como a inscrição do século III d.C. procura restaurar. Originalmente, a procissão era “uma escolta militar completa para os *hierá* [objetos sagrados], isso foi abrandado nos tempos helenísticos pela introdução da *hypantēsis*, mas totalmente reintegrado pelo decreto romano tardio (IG II<sup>2</sup> 1078)” (Clinton, 2019, p. 166).

O resgate da tradição ancestral e a presença de fórmulas arcaizantes na inscrição tardo-romana parece dialogar com a nostalgia seletiva eminente de Atenas do período entre os séculos II e III d.C. (Alcock, 2002, p. 36-98).<sup>29</sup> No entanto, a questão também

<sup>26</sup> Edição da inscrição foi feita por Lambert (2020, n. 16). Recuperado de [https://www.atticinscriptions.com/inscription/AIUK42/17?text\\_type=greek](https://www.atticinscriptions.com/inscription/AIUK42/17?text_type=greek)

<sup>27</sup> No original: “*παραπέμπειν δὲ τοὺς ἐφήβους π[άντας, ἔχοντας] τὴν πανοπλίαν, ἐστεφανωμέν[ους μυρρίνης στεφά]- νοι, βαδεῖζοντας ἐν τάξει· ἐπ[εῖ] δ[ὲ προστάττομεν τοῖς ἐ]- φήβοις τὴν τοσαύτην ὁδοιπορῆσαι π[ομπήν, αὐτοῦς] καὶ θυσιῶν καὶ σπονδῶν καὶ παιάνων τῶ[ν κατὰ τὴν]30 ὁδὸν μεθέξειν, ὡς ἂν τὰ τε ἱερὰ μετὰ φρουρᾶ[ς ἰσχυρο?]- τέρας καὶ πομπῆς μακροτέρας ἄγοιτο, [...]*” (IG II<sup>2</sup> 1078<sup>27</sup>, linhas 25-31, *negrito nosso*)

<sup>28</sup> O decreto helenístico (IG II<sup>2</sup> 1011, 7) de 107/6 a.C. afirma que os efebos eram enviados a um lugar chamado Echo para encontrarem os objetos sagrados. Ver Patera (2011, p. 125).

<sup>29</sup> Susan Alcock elabora um quadro compreensivo sobre a natureza e construção da memória cultural para as elites durante o período romano imperial, bem como suas implicações materiais, para este contexto. De

pode indicar a falta de segurança da estrada processional no ano de 220 d.C., demandando uma escolta apropriada. De acordo com Robertson,

[...] a estrada entre Atenas e Elêusis era tão perigosa que as autoridades tomaram providências para proteger os *hierá*, não só durante o festival, quando eram escoltados na procissão de Atenas para Elêusis do dia 19 de Boedromion, mas até mesmo antes, no transporte preliminar de 14 de Boedromion, quando eram transportados de Elêusis para Atenas. (Robertson, 1998, p. 553, *tradução nossa*)

A procissão dos Mistérios de Elêusis foi um evento dinâmico que combinava uma série de características tradicionais e inovadoras. Nesse sentido, a interação social dos participantes da procissão no espaço processional podia flutuar entre a tradição em preservar os costumes ancestrais e a inserção de inovações nas práticas rituais, no ordenamento da procissão ou na estética performática a partir das demandas dos tempos históricos. Isso fica evidente com os exemplos das inscrições helenísticas (IG II<sup>2</sup> 1008; IG II<sup>2</sup> 1011) e da tardo-romana (IG II<sup>2</sup> 1078) supracitadas.

##### 5. *Considerações Finais*

O presente artigo teve como objetivo analisar a procissão dos Mistérios entre Atenas e Elêusis, identificando particularidades do rito conforme sua prática em tempos romanos. Para descrever o cortejo tal como era organizado entre os séculos II e III d.C., o caminho argumentativo foi elaborado a partir da análise de três tipos de fontes primárias: a textual, a topográfica/arquitetônica e a epigráfica. Primeiramente, a *hierá hodós*, estrada da procissão eleusina, foi descrita a partir do testemunho de Pausânias (1.36-38) elencando monumentos, santuários e áreas naturais de importância tanto ao ciclo eleusino quanto de figuras atenienses de destaque. Em seguida, uma revisão não-exaustiva da recepção de Pausânias nos séculos iluministas (XVII e XVIII) e no século XIX foi apresentada como aporte ao trabalho arqueológico realizado sistematicamente no século XX, indicando as informações e desafios que os sítios arqueológicos da estrada apresentaram aos arqueólogos diante do vertiginoso crescimento urbano de Atenas. Por

---

maneira geral, a “ênfase no passado refletia várias necessidades [para a elite grega]: preservar o que faz dos helenos únicos, aumentar e proteger o status dos instruídos e abastados, e promover um capital simbólico de uso com os governantes filelênicos” (Alcock, 2002, p. 97).

outro lado, os dados topográficos referentes às estruturas de entrada dos santuários eleusinos envolvidos como pontos de saída (*Eleusinion* de Atenas) e de chegada (Elêusis) da grande procissão dos Mistérios foram apresentados para descrever o ambiente construído que dialogava com os participantes do cortejo. Assim, as características arquitetônicas dos propileus eleusinos, bem como a pavimentação dos espaços de recepção, demonstraram que havia uma ligação visual entre os pontos do trajeto, comunicando mensagens tanto do ciclo eleusino quanto dos patronos romanos. Tais dados permitiram constatar que os Mistérios de Elêusis detiveram o interesse das elites helenizadas e dos imperadores romanos, dos quais destacam-se as intervenções construtivas feitas por Adriano e seu *Panhellenion*, e através da retomada do projeto adriânico a partir de Antonino Pio e Marco Aurélio (século II d.C.). Na última parte do artigo, a análise de um decreto regulatório (IG II<sup>2</sup> 1078) para a procissão, datado de 220 d.C., demonstrou como particularidades dos tempos históricos equacionaram a tradição ancestral com inovações propostas e inseridas à procissão de acordo com as demandas do contexto sociopolítico e cultural. Foi possível constatar que em 220 d.C. havia a intenção clara de restaurar o papel que os efebos desempenhavam tradicionalmente na procissão eleusina.

Finalmente, o quadro elaborado sobre a procissão eleusina a partir de fontes de diversas naturezas permite não só evidenciar particularidades do estrato histórico romano, como possibilita a compreensão da dinâmica entre as mudanças e as permanências da prática evidenciadas em um contexto de notória assimetria política.

*Recebido: 15/09/2020*

*Aprovado: 22/11/2020*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### *Fontes*

Pausanias. (1992). *Description of Greece* (Books 1-2). Harvard University Press.

### *Obras*

Agelidis, S. (2017). The ‘Spatial Turn’ in Ancient Greek Festival Research: Venues of the Athenian City Dionysia and the Great Panathenaia Pompai. In L. Nevett (Org.). *Theoretical Approaches to the Archaeology of Ancient Greece: Manipulating Material Culture* (pp. 230-248). University of Chicago Press.

Alcock, S. E. (2002). *Archaeologies of the Greek Past: Landscapes, Monuments, and Memories*. Cambridge University Press.

Baldassarri, P. (2007). Cópia arquitetônica como memória do passado. I Grandi Propilei di Eleusi e il santuario eleusino eleusino in età antonina. In O. D. Cordovana, & M. Galli (Eds.). *Arte e memoria culturale nell’età della Seconda Sofistica* (pp. 211-233). Edizioni del Prisma.

Barnard, B. E. (2011). *Euergetism and Gift-Giving at Eleusis: a case study of Ancient Patronage Structures*. [Dissertação de mestrado não publicada]. University of Nebraska-Lincoln.

Best, J. (2015). *Religion of the Roadways: Roadside Sacred Spaces in Attica*. [Tese de doutorado não publicada]. Bryn Mawr College.

Camia, F. (2017). Cultic and Social Dynamics in the Eleusinian Sanctuary under the Empire. In E. M. Grijalvo, & J. M. C. Copete, & F. L. Gómez (ed.). *Empire and Religion: Religious change in Greek cities under Roman Rule* (pp. 45-66). Brill.

Clinton, K. (1993). The sanctuary of Demeter and Kore at Eleusis. In B. Marinatos, & R. Hägg. *Greek sanctuaries: new approaches* (pp. 110-124). Routledge.

Clinton, K. (2005). *Eleusis. The Inscriptions on Stone: Documents of the Sanctuary of the two Goddesses and public documents of the deme* (Vol. I: Text). The Archaeological Society of Athens.

Clinton, K. (2008) *Eleusis. The Inscriptions on Stone: Documents of the Sanctuary of the two Goddesses and public documents of the deme* (Vol. II: Commentary). The Archaeological Society of Athens.

Clinton, K. (2019). Journeys to the Eleusinian Mystéria (with an appendix on the procession at the Andanian Mystéria). In W. Friese, S. Handberg, & T. M.

- Kristensen (Ed.). *Ascending and descending the Acropolis: Movement in Athenian Religion* (Monographs of the Danish Institute at Athens, 23) (pp. 161-177). Aarhus University Press.
- Cosmopoulos, M. B. (2015). *Bronze Age Eleusis and the Origins of the Eleusinian Mysteries*. Cambridge University Press.
- Drakotou, I. (2009). Ιερά Οδός, ανατολικό τμήμα. In M. Korres. *Αττικής Οδού. Αρχαίου Δρομίου τής Αττικής*. Εκδότης ΜΕΛΙΣΣΑ.
- Elsner, J. (2001). Structuring 'Greece': Pausanias' Periegesis as a Literary Construct. In S. E. Alcock, J. F. Cherry & J. Elsner (Eds.). *Pausanias: Travel and Memory in Roman Greece* (pp. 3-20). Oxford University Press.
- Ficuciello, L. (2008). *Le Strade di Atene* (SATAA, 4). Scuola Archeologica Italiana di Atene. Pandemos.
- Graf, F. (1996). Pompai in Greece: Some consideration about Space and Ritual in the Greek polis. In R. Hägg (Ed.). *The role of Religion in the Early Greek Polis: Proceedings of the Third International Symposium on Ancient Greek Cult* (pp. 55-65). Svenska Institutet i Athen.
- Hazard, S. (2013). The Material Turn in the Study of Religion. *Religion and Society: Advances in Research*, 4, 58-78.
- Knott, K. (2008). Spatial Theory and the Study of Religion. *Religion Compass*, 2(6), 1102-1116.
- Lambert, S. (2020). *Attic Inscriptions in UK Collections British Museum: Decrees of the Council and Assembly* (AIUK, 4.2). British Museum.
- Lenormant, F. (1860). *Monographie de la voie sacrée éleusinienne et des ses monuments et ses souvenirs*. Hachette.
- Le Roy, J. (2004). *The Ruins of the Most Beautiful Monuments of Greece*. Getty Publications. (Trabalho original publicado em 1755)
- Lippolis, E. (2006). *Mysteria: Archeologia e culto del santuario di Demetra ad Eleusi*. Bruno Mondadori.
- Luginbühl, T. (2015). Ritual Activities, Processions and Pilgrimages. In R. Raja, & J. Rüpke. *A Companion to the Archaeology of Religion in the Ancient World* (pp. 41-59). John Wiley & Blackwell.
- Miles, M. (2012). Entering Demeter's Gateway: The Roman Propylon in the City Eleusinion. In B. Wescoat, & R. Ousterhout. *Architecture of the Sacred Space, Ritual, and Experience from Classical Greece to Byzantium* (pp. 114-151). Cambridge.

- Miles, M. (1998). *The City Eleusinion: Results of Excavations conducted by The American School of Classical Studies at Athens* (The Athenian Agora, 31). Princeton University Press.
- Mylonas, G. E. (2009). *Eleusis and the Eleusinian Mysteries*. Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1961)
- Oliver, J. H. (1941). Documents concerning the Emperor Hadrian. *Hesperia: The Journal of the American School of Classical Studies at Athens*, 10(4), 361-370.
- Palagia, O. (2007). The Date and the Iconography of the Calendar Frieze on the Little Metropolis, Athens. *X Colloque International sur L'art Provincial Romain*. Arles, FRA.
- Palinkas, J. L. (2008). *Eleusinian Gateways: Entrances to the Sanctuary of Demeter and Kore at Eleusis and the City Eleusinion in Athens*. [Dissertação de doutorado não publicada]. Faculty of the Graduate School of Emory University.
- Papangeli, K, & Chlepa, E. A. (2011). *Transformations of the Eleusinian Landscape Antiquities and the Modern City*. Paul & Alexandra Canellopoulos Foundation.
- Patera, I. (2011). Changes and Arrangements in a Traditional Cult: The case of the Eleusinian Rituals. In A. Chaniotis. *Ritual Dynamics in the Ancient Mediterranean: Agency, Emotion, Gender, Representation* (pp. 119-136). Franz Steiner-Verlag.
- Perissato, F. (2018). *Elêusis no Império Romano: Monumentalização do santuário e o culto dos Mistérios Eleusinos no Período Antonino*. [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de São Paulo.
- Pretzler, M. (2007). *Pausanias: Travel Writing in Ancient Greece*. Bristol Classical Press.
- Raja, R, & Rüpke, J. (2015). Archaeology of Religion, Material Religion, and the Ancient World. In R. Raja, & J. Rüpke. *A Companion to the Archaeology of Religion in the Ancient World* (pp. 1-26). John Wiley & Blackwell.
- Riccardi, L. A. (2007). The Bust-Crown, The Panhellenion, and Eleusis: a new portrait from the Athenian Agora. *Hesperia: The Journal of the American School of Classical Studies at Athens*, 76(2), 365-390.
- Robertson, N. D. (1998). The Two Processions to Eleusis and the Program of the Mysteries. *The American Journal of Philology*, 119(4), 547-575.
- Romeo, I. (2002). The Panhellenion and Ethnic Identity in Hadrianic Greece. *Classical Philology*, 97(1), 21-30.
- Sauron, G. (2001). Les propylées d'Appius Claudius Pulcher à Éleusis: l'art néo-attique dans les contradictions idéologiques de la noblesse romaine à la fin de la République. In J-Y. Marc, & J-C. Moretti. *Constructions publiques et programmes édilitaires en*

Grèce entre le IIe siècle av. J.-C. et le Ier siècle ap. J.-C. *Bulletin de Correspondance Hellénique*, 39(Supp.), 267-283.

Shear, T. L., Jr. (2016). *Trophies of Victory: Public Building in Periklean Athens*. Princeton University Press.

Spawforth, A. J. S. (2012). *Greece and the Augustan Cultural Revolution*. Cambridge University Press. Spawforth, A. J. S., & Walker, S. (1985). The World of the Panhellenion: 1. Athens and Eleusis. *The Journal of Roman Studies*, 75, 78-104. Spon, J. (1678). *Voyage d'Italie, de Dalmatie, de Grèce et du Levant, fait aux années 1675-1676* (Vol. 2). Amsterdam.

Stavrianopoulou, E. (2015). The Archaeology of Processions. In R. Raja, & R. J. Rüpke. *A Companion to the Archaeology of Religion in the Ancient World* (pp. 349-361). John Wiley & Blackwell.

Wheler, G. (1682). *A Journey into Greece in the company of Dr. Spon of Lyons*. London.

Ziro, D. (1991). *Ελευσις. 'Η Κυρία Είσοδος του ιερού της Ελευσίνας*. Εκδότης Εν Αθηναις Αρχαιολογική Εταιρεία.

**ARCHAEOLOGY OF AN ANCIENT PROCESSION  
THE PRACTICE OF ΠΟΜΠΗ BETWEEN ATHENS AND ELEUSIS IN THE  
ROMAN PERIOD (2ND - 3RD AD)**

ABSTRACT

This article aims to identify the particularities of the procession celebrated between Athens and Eleusis during the Eleusinian Mysteries in the Roman Period (II - III AD) based on evidences found in sources of different natures (textual, topographic/architectural and epigraphic). It seeks to understand aspects related to the permanence of the Eleusinian ancestral tradition and to identify innovations typical of the Roman historical strata, whose evidence can be observed both in the organization of the procession and in the building interventions on sanctuaries (Eleusis and the City Eleusinion in Athens) and the Sacred Way (*hierá hodós*).

KEYWORDS

Eleusinian Mysteries; Ancient procession; Roman Greece; Eleusis; City Eleusinion; Ancient Greek Religion.